

# Loucura e literatura: a dimensão social da loucura e sua representação na narrativa de Lima Barreto

## *Madness and literature: the social dimension of madness and its representation in the narrative of Lima Barreto*

Maria Inês Detsi de Andrade Santos\*

### Resumo

Este trabalho tem por objetivo discutir a dimensão social da loucura, retratada nas obras *Diário do Hospício* e *Cemitério dos Vivos*, do escritor brasileiro Lima Barreto. A leitura das obras citadas nos motivou a realizar uma análise sociológica sobre a loucura, através de uma pesquisa bibliográfica, dando destaque para as idéias de M. Foucault (1985, 1987, 2005), além de outros autores. Compreendemos que a loucura é também uma categoria sócio- histórica, cuja construção envolve aspectos culturais, políticos e econômicos, além dos subjetivos, o que significa dizer que aqueles sujeitos, ou grupos sociais que estão em uma situação de dominação – como os negros e as mulheres – são preferencialmente aqueles a quem costuma ser atribuída a condição de loucos. Nosso estudo abordou, também, a relação entre literatura e loucura, confirmando a posição de autores como Morin (2004), que defende a idéia de que a literatura, para além de sua finalidade estética, cumpre com uma função sociológica, denunciando situações de exclusão e de dominação de grupos socialmente proscritos; produzindo um conhecimento que, por não estar sujeito aos cânones metodológicos da ciência moderna, permite representar o humano em toda a sua contradição e complexidade.

**Palavras-chave:** Loucura. Exclusão social. Literatura

### Abstract

This research aims to discuss the social dimension of madness, shown in the works “Diário do Hospício” and “Cemitério dos Vivos”, of the Brazilian writer Lima Barreto. By reading the books mentioned, we got motivated to carry out a sociological analysis of madness through a bibliographic research, emphasizing the ideas of M. Foucault (1985, 1987, 2005), besides other authors. We understand that madness is also a socio-historical category, whose

---

\* Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará. Professora e pesquisadora do Centro de Ciências Humanas da Universidade de Fortaleza – UNIFOR, Ce. inesdaesi@unifor.br

construction involves cultural, political and economic aspects, besides the subjective aspects. This means that those subjects or social groups that are under domination – like the black people and women – are usually those who are regarded as mad. Our study also dealt with the relationship between literature and madness, corroborating the position of authors like Morin (2004), who supports the idea that literature, beyond its esthetical purpose, also has a sociological function, denouncing situations of exclusion and domination of socially proscribed groups. That sociological function also allows the production of a knowledge that enables the representation of the human being in all of his contradiction and complexity, since such knowledge is not subjected to methodological laws of modern science.

**Keywords:** Madness. Social Exclusion. Literature.

## Introdução

Este trabalho foi motivado pela leitura de duas obras de Lima Barreto: *Diário do Hospício* e *Cemitério dos Vivos*, ambas publicadas em uma edição de 2010, da editora COSACNAIFY, que traz um prefácio de Alfredo Bosi e um apêndice com textos do próprio, relacionados ao tema tratado nas duas obras.

Por ocasião de sua última internação no Hospital Nacional de Alienados, no Rio de Janeiro, de dezembro de 1919 a fevereiro de 1920, o escritor Lima Barreto compôs o *Diário do Hospício*, utilizando tiras de papel, que foram organizadas e revisadas por ele, resultando num romance inacabado: *Cemitério dos Vivos*, cujas primeiras páginas foram publicadas pela revista Souza Cruz, em janeiro de 1921 – ano anterior à morte dele. Posteriormente, *Cemitério dos Vivos* ganhou o formato de livro, tendo recebido várias edições.

O alcoolismo, a experiência dos delírios, os diversos internamentos, a frustração por não ter realizado, como desejou, suas ambições intelectuais e profissionais, a consciência crítica com respeito às desigualdades sociais e às formas de discriminação sofridas, por ser negro, pobre, sem prestígio social, são alguns dos aspectos presentes nas obras lidas e que nos remetem não apenas à existência subjetiva do autor mas também ao tema da loucura, em sua dimensão sociológica e como representação literária – questões que pretendemos tratar aqui.

A loucura é também uma categoria social. Isso porque não existe “louco” fora de um contexto que assim o denomine. Construída também socialmente, loucura não é um fato natural, mas o resultado de um processo que envolve

aspectos subjetivos, culturais, políticos e econômicos. A definição da loucura se dá num contexto simbólico, atravessado por relações sociais de poder e hierarquia, o que significa dizer que alguns sujeitos têm mais força e legitimidade, do que outros, para definir o que seja loucura e apontar aqueles que devem ser considerados “loucos”.

Referindo-se aos seus companheiros de hospício, Barreto os descreve como originários, em geral, “das camadas mais pobres da nossa gente pobre” e, ao descrever o pátio da seção Pinel, onde ficavam os loucos “mais insuportáveis”, diz ele:

Esse pátio é a coisa mais horrível que se pode imaginar. Devido à pigmentação negra de uma grande parte dos doentes aí recolhidos, a imagem que se fica dele, é que tudo é negro. O negro é a cor mais cortante, mais impressionante; e contemplando uma porção de corpos negros nus, faz ela que as outras se ofusquem no nosso pensamento. (BARRETO, 2010 p. 211)

Negros e pobres, muitas vezes recolhidos nas ruas e trazidos pela polícia, ocupavam a Pinel – seção “dos sem ninguém” [...] aquela em que a imagem do que a Desgraça pode sobre a vida dos homens é mais formidável e mais cortante. (BARRETO, 2010 p. 205)

Pela narrativa poética e contundente, o autor expõe a dimensão social da loucura, representada na figura de grupos dominados e socialmente estigmatizados.

Referindo-se ao processo de surgimento dos hospitais e hospícios, Michel Foucault afirma que, antes de serem instituições destinadas à cura, estes cumpriram uma finalidade de assistência aos pobres e de preservação da ordem urbana, separando do convívio social aqueles que, de alguma forma, pudessem ameaçar os demais, não somente por serem portadores de doenças, mas também por apresentarem qualquer condição que atentasse contra a moral e a ordem vigentes (FOUCAULT, 1985 p. 99-111).

As práticas de internamento, apontadas por Foucault em sua obra *História da Loucura* (1985), propiciaram a construção de um saber médico, servindo de base para o nascimento das diversas especialidades. Este foi o caso da Psiquiatria.

Os discursos eugenistas do século XIX, por sua vez, reforçavam a ideia de que a loucura poderia resultar da inferioridade racial e, principalmente, da mestiçagem. Também afirmavam a inferioridade sexual das mulheres, atribuindo a loucura feminina a esse fato. Esses discursos serviram de sustentação para as práticas de controle e exclusão social, sendo o internamento asilar uma delas. Em seu estudo sobre o Hospício do Juquery, fundado em 1885, em São Paulo, M<sup>a</sup>. Clementina Cunha analisa documentos daquela instituição, referentes às mulheres internadas no início do século XX. Muitas delas eram levadas ao Juquery por não corresponderem às expectativas sociais relativas à feminilidade. Mulheres e negros constituíam, assim, os “loucos preferenciais”.

Lima Barreto pôde testemunhar sobre esse contexto. E pôde viver também essa experiência. Ao relatar a vida no manicômio, deu mostra de lucidez e perspicácia. Sua escrita, espirituosa e muito interessante, do ponto de vista estético, tem ainda a qualidade de ser socialmente comprometida.

As obras *Diário do Hospício* e *Cemitério dos Vivos* são narrativas confessionais, ainda que a segunda seja caracterizada como um romance de natureza ficcional. Nelas, Lima Barreto trava um permanente diálogo consigo mesmo, uma autorreflexão que interroga sobre a condição prática e procura significado para a sua existência sofrida.

Neste trabalho, que se realiza por meio de uma pesquisa bibliográfica, relacionamos loucura, sociologia e literatura, fazendo uma incursão em obras de autores como Michel FOUCAULT, Edgar MORIN e João FRAYSE-PEREIRA, para focalizarmos, através das obras citadas como corpus, a dimensão social da loucura, e o papel da literatura na produção simbólica dessa realidade.

## **1 Loucura e desigualdade social – negros e mulheres “os loucos preferenciais”**

O contexto social é um contexto atravessado por relações de poder e hierarquia, o que significa dizer que aqueles que estão colocados numa condição subalterna, na estrutura social, são os alvos preferenciais das práticas discriminatórias. Essas práticas, por sua vez, costumam ser justificadas e legitimadas por discursos sociais diversos, como o religioso, o filosófico e o científico. Esse fato pode ser observado na sociedade ocidental do século XIX, que foi um celeiro de teses eugenistas e sexistas, que afirmavam tanto a superioridade da “raça” branca, sobre as outras, como a superioridade do homem

sobre a mulher. A inferioridade de uns (que eram muitos), fazia deles indivíduos dependentes e incapazes socialmente, justificando-se sua tutela e dominação, sua desvalorização e exploração.

As desigualdades sociais, a miséria, a criminalidade seriam, para as tese racistas, resultantes da miscigenação racial , podendo culminar com a degenerescência humana.

A sociedade brasileira também foi afetada por esses discursos e práticas provenientes dos países europeus. No contexto em que viveu Lima Barreto, podemos citar como exemplo, a influência da obra de Nina Rodrigues (1862-1906), escritor brasileiro, médico legista, psiquiatra e antropólogo, que teve uma importante atuação social, tanto nos meios intelectuais como no campo da medicina. Para Nina Rodrigues, a “raça” negra constituiria “sempre um dos fatores de nossa inferioridade como povo” e a mestiçagem impediria o Brasil de se civilizar. (RODRIGUES, 2004 p. 21) O negro é concebido por Rodrigues como possuidor de uma natureza mórbida que será transmitida geneticamente aos seus descendentes mestiços. Em sua obra “*As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*”, publicada em 1894, Rodrigues atribui ao mestiço uma instabilidade e desequilíbrio mental, resultantes de sua inferioridade genética.

Discursos como esses, serviram de referência para as práticas sociais, de maneira geral e para as práticas institucionais no campo da medicina psiquiátrica, em particular, alimentando e reproduzindo a discriminação e exclusão dos grupos considerados inferiores. A inferioridade social era transubstanciada, então, em inferioridade racial, ou sexual.

Um exemplo relacionado ao gênero, poderia ser o do internamento de mulheres jovens em hospícios ou casas de correção. O Hospício do Juquery, como instituição modelar, cumpriu com essa finalidade, confinando mulheres consideradas “loucas” porque recusavam a se submeter às normas sociais e familiares destinadas às mulheres da época. Em pesquisa realizada por CUNHA (1986)<sup>1</sup> a autora teve acesso às anotações de prontuários de algumas das internas que, ainda jovens, deram entrada no Juquery, de onde, jamais saíram. Os registros

---

<sup>1</sup> CUNHA, Ma. Clementina P. O espelho do mundo – Juquery, a história de um asilo. RJ: Paz e Terra, 1986

efetuados nos prontuários continham descrições e observações, que levaram a autora a concluir que muitas das internadas, ali estavam por terem se revoltado em relação à sua condição social de gênero. Segundo Cunha:

“O Juquery significou a criação tanto de um “asilamento científico” quanto de um campo de especialidade no interior do saber médico, capaz de ampliar ao mesmo tempo a escala do internamento e a noção de loucura. Ao incluir nela categorias invisíveis aos olhos dos leigos, mas respaldadas em noções de normalidade condizentes com os papéis sociais adequados aos padrões de disciplina que se pretendia afirmar, o hospício científico cumpria simultaneamente suas funções de” limpar” a cidade para garantir a ordem e difundir preceitos ou padrões de comportamento” CUNHA (1998, p.2).

## **2 O internamento como forma de exclusão social e de construção de um saber sobre a loucura**

Lima Barreto, o romancista admirável de Isaias Caminha, está no Hospício. [...] É verdade que não está maluco, como a princípio se poderá cuidar; apenas um pouco excitado e combalido. O seu espírito está perfeitamente lúcido, e a prova disso é que Lima Barreto, apesar do ambiente ser muito pouco propício, tem escrito muito ...

– Tenho coligido observações interessantíssimas para escrever um livro sobre a vida interna dos hospitais de loucos. Leia O cemitério dos vivos. Nessas páginas contarei com fartura de pormenores, as cenas mais jocosas e as mais dolorosas que se passam dentro destas paredes inexpugnáveis...

(Entrevista concedida por Lima Barreto para A Folha, 31 de janeiro de 1920. BARRETO, 2010)

A prática do internamento, inaugurada no Ocidente, a partir do século XVII, foi um dos aspectos importantes, assinalados por Foucault, em sua obra *História da Loucura*. Esse fato guarda relação com a construção de um saber sobre a loucura e com o nascimento da Psiquiatria que, é uma ciência recente. A idéia de loucura como “doença” e “fato médico” data apenas de duzentos anos.

No período que corresponde aos séculos XVII e XVIII, denominado por Foucault de “a grande internação”, eram destinados às casas de internamento

e hospitais não apenas os “insanos”, mas também pobres, desempregados e infratores, evidenciando o caráter de exclusão do qual se revestiu a loucura. Nesse momento, o louco não se diferenciava, socialmente, de todos aqueles que eram, de alguma forma, excluídos da sociedade. (FOUCAULT, 2005)

Nos séculos XIX e XX será dado ao internamento continuidade, cabendo à Psiquiatria a tarefa de lidar com os loucos que abarrotavam os asilos.

O internamento, para Foucault, constituiu uma prática privilegiada na construção do saber médico, já que o doente, em sua condição de cativo, estava permanentemente disponível, como objeto de observação e de intervenção. Os “micro-poderes”, exercidos pelos agentes das instituições – no caso dos hospitais: médicos e enfermeiros – sobre aqueles que estavam sob a sua guarda ou tratamento produziram um saber e uma “verdade” sobre o doente, ao mesmo tempo em que produziam, também, um sujeito “assujeitado”.

Em sua obra *Vigiar e Punir*, Foucault discorre sobre as técnicas e métodos disciplinares utilizados nos espaços institucionais. Eram eles a observação, o registro, a classificação, a vigilância, a organização do tempo e do espaço, o adestramento e a normalização. Referindo-se ao exame médico afirma Foucault:

“Uma das condições essenciais para a liberação epistemológica da medicina no fim do século XVIII foi a organização do hospital como aparelho de ‘examinar’. O ritual da visita é uma das suas formas mais evidentes [...] A inspeção de antigamente, descontínua e rápida, se transforma em uma observação regular que coloca o doente em situação de exame quase perpétuo [...] quanto ao próprio hospital, que era antes de tudo um local de assistência, vai tornar-se local de formação e aperfeiçoamento científico [...] local adequado da ‘disciplina’ médica.” (FOUCAULT, 1987 p. 165-166).

Barreto, em sua obra, faz referência às práticas hospitalares da época, como a separação dos doentes por alas e pavilhões, de acordo com o tipo de doença, sexo, idade e também nível social. O hospício era uma réplica, em miniatura, da estrutura social, com suas formas de apartação: “Aqui no Hospício, com as suas divisões de classes, de vestuário etc., eu só vejo um cemitério: uns estão de carneiro e outros de cova rasa” (BARRETO, 2010 p. 90).

Considerava que o internamento não tinha finalidade curativa, sendo apenas uma forma de circunscrição da loucura:

Conheço loucos, médicos de loucos, há perto de trinta anos, e fio muito que a honestidade de cada um deles não lhes permitirá dizer que tenha curado um só. Amaciado um pouco, tirado dele a brutalidade do acorrentamento, das surras, a superstição de rezas, exorcismo, bruxarias etc., o nosso sistema de tratamento da loucura ainda é o da Idade Média: o seqüestro” (BARRETO, 2010 p. 90).

Fala também de sua vulnerabilidade diante dos médicos e do seu medo de servir de “cobaia”:

Eu passei, desde a minha entrada no pavilhão, nas mãos de cinco médicos [...] Não falei do chefe de serviço [...] Em rigor, ali, doente indigente, pária social, a mais elementar dignidade fazia eu não o fizesse e, por estar em mal estado, temia-o muito. Sentia, não sei por quê, nesse rapaz, um grande amor à novidade, uma pressa e açodamento, muito pouco científicos, em experimentar o “remédio novo” [...] Essa sua falta de método, junto à minha condição de desgraçado, davam-me o temor de que ele quisesse experimentar em mim [...] uma operação melindrosa e perigosa [...]Tinha perdido toda a proteção social, todo o direito sobre o meu próprio corpo, era assim como um cadáver de anfiteatro de anatomia (BARRETO,2010 p. 246).

Lima Barreto é cético, quanto à finalidade do Hospício e à compreensão da loucura: “Debruçar sobre o mistério dela e decifrá-lo parece estar acima das forças humanas.” Ele, porém menciona a literatura como fonte para a ciência:

Como todo médico que se compraz com tais estudos, o doutor Murilo tem muito interesse pela literatura e pelos literatos. Julgo que os médicos dados a tais pesquisas têm esse interesse no intuito de obter nos literatos e na literatura subsídios aos estudos que estão acumulando (BARRETO, 2010 p. 282).

Em várias passagens da obra, o autor questiona o saber médico, afirmando que “a sua ciência é muito curta”. Quanto à literatura, esta parece ser sua única saída: “Ah! A literatura ou me mata ou me dá o que eu peço dela”.

### 3 Loucura e literatura

Podemos estabelecer várias formas de relação entre loucura e literatura. Uma delas seria a de que a literatura, traz um conhecimento sobre a loucura e, conseqüentemente, sobre o que é humano, a partir da construção simbólica de significados, imagens e representações. Nessa perspectiva, o mérito da literatura seria o de permitir que o humano, apareça em toda a sua complexidade. Segundo Morin (2004), enquanto a ciência moderna produz um conhecimento fragmentado e compartimentado sobre o homem, transformando-o em objeto e “cortado em pedacinhos”, a literatura, ao contrário, permite a inclusão de todas as dimensões da subjetividade.

Se a ciência produz uma visão mutilada do sujeito, a literatura promove a inclusão das diversas e contraditórias dimensões do humano, passando “da emoção à paixão, da paixão ao delírio, do delírio à loucura.”

Além disso, a literatura permite, também, “a inclusão do estrangeiro, do marginalizado, do infeliz, de todos que ignoramos ou desprezamos na vida cotidiana” (MORIN, 2004, p. 14):

Na literatura encontra-se a inclusão dos problemas humanos mais terríveis, coisas insuportáveis que na literatura se tornam suportáveis.” [...] “na leitura, no teatro, no cinema, desenvolve-se nossa compreensão de outrem. A compreensão nos torna mais generosos com relação ao outro, e o criminoso não é visto unicamente como criminoso [...] O criminoso é um caso extremo, porém, por meio dele, teremos compreensão da humanidade, do emigrante, do vagabundo [...] Tornamo-nos humanos com a inclusão dos excluídos (MORIN, 2004 p. 16-18).

Lima Barreto, ao incluir esse outro marginalizado, em sua literatura, pode incluir a si próprio, também estigmatizado como louco, ganhando reconhecimento social.

A literatura para Lima Barreto teve também a finalidade de fazê-lo suportar os terríveis dias de confinamento no hospício. Nesse sentido, ela pode ser entendida como saída para aqueles que estão vivendo situações em que a subjetividade está ameaçada de destruição. Bettelheim (*apud* ROUDINESCO, 2008 p. 134) buscando compreender a experiência dos judeus, nos campos de concentração nazistas, utilizou o conceito de “situação-limite” para se referir a certas condições de vida face às quais o sujeito pode, ou abdicar, identificando-

se com as forças destruidoras, ou resistir, criando para si, como estratégia de sobrevivência, um mundo interior. Essa parece ter sido a estratégia criada por Lima Barreto, através da literatura. A leitura exaustiva de obras da biblioteca do hospício e a criação literária possibilitaram ao escritor fortalecer seu mundo interior, protegendo-o da “loucura” e amenizando seu sofrimento.

Pois, meus senhores, como estão vendo, nestes vinte e poucos dias, durante os quais tenho passado nesse remansoso retiro, semireligioso, semimilitar – espécie de quartel-convento de uma ordem guerreira dos velhos tempos de antanho (o autor está se referindo ao internamento no Hospital do Exército, onde esteve em 1918) têm-me sido uns doces dias de uma confortadora delícia de sossego [...] Passo-os a ler, entre as refeições, sem descanso [...] A leitura assim feita, sem pensar em outro quefazer, sem poder sair, quase prisioneiro, é saboreada e gozada (BARRETO, 2010, 288).

Outra relação que podemos estabelecer entre loucura e literatura é que a literatura, como todas as outras modalidades de expressão artística, obedece a um processo psíquico de elaboração criadora, que dá forma a sentimentos e imagens do eu profundo, permitindo o acesso ao mundo interno dos psicóticos e operando como instrumento de transformação da realidade interna e externa. (FRAYSE-PEREIRA, 2003 p.202)

Frayse-Pereira, referindo-se à arte, questiona, no entanto, a pertinência de se estabelecer, abstratamente, uma relação entre arte e loucura, pois, segundo ele, se a arte ignora as frágeis fronteiras da sanidade e da loucura, e se cumpre com a finalidade de destruir uma comunicação comum, criando uma outra comunicação, incomum, a necessidade de estabelecer essa relação (arte-loucura) perde sua razão de ser. Nessa perspectiva, a arte é sempre a expressão de um outro lugar de onde fala o sujeito, seja ele considerado louco ou são. FRAYSE-PEREIRA (2003, p. 205)

Consideramos que a literatura pode ser uma das vias de comunicação desse outro lugar.

## **Considerações finais**

Esse estudo nos possibilitou exercitar um olhar relativizador sobre a loucura, ao colocar em evidência sua dimensão social e histórica. Podemos

também distinguir outra faceta da literatura, mais sociológica, que reconstrói, no plano simbólico, o humano, com toda a sua complexidade, diferindo da ciência, que o reduz.

A leitura das obras de Lima Barreto nos foi extremamente prazerosa, por tratar-se de um escritor que consegue proporcionar momentos de fruição, por sua linguagem interessante e espirituosa e, ao mesmo tempo, nos despertar sentimentos de compaixão (paixão compartilhada) nos humanizando, ao nos aproximar, pela relação estética com sua obra, dos problemas humanos e das dores que afligem os que estão estigmatizados, em nome da norma.

## Referências

BARRETO, Lima. *Diário do Hospício e Cemitério dos Vivos*. São Paulo, Cosac Naify, 2010

CUNHA, Maria Clementina Pereira. De historiadoras, brasileiras e escandinavas: loucuras, folias e relações de gênero no Brasil (século XIX e início do XX). *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5 p. 181-215, 1998.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRAYSE-PEREIRA, João A. Nise da Silveira: imagens do inconsciente entre psicologia, arte e política. *Revista Estudos Avançados*, v. 17, n. 49, p. 197-207, 2003.

MORIN, Edgar. Inclusão: verdade da literatura. In: MORIN, Edgar; ROSING, Tania M. K.; FALCI, Nurimar M. (Org.). *Edgar Morin: religando fronteiras*. Passo Fundo: UPF, 2004. p. 13-20.

RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. Brasília, DF: Ed. Universidade de Brasília, 2004.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.